

Residência Artística Perceber-Fazer Floresta II: Uma Experimentação Cósmica de Comunicação em Meio às Mudanças Climáticas¹

Emanuely Miranda²
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO

A Rede Latino-americana de Divulgação Científica e Mudanças Climáticas reúne um conjunto de pesquisadores, pesquisadoras e artistas que se esforçam para operar com atenção aos cosmos diante da urgência da questão do clima. Uma de suas mais recentes realizações foi a Residência Artística Perceber-Fazer Floresta II, cujo objetivo consistia em, usando as palavras de Dias (2020), experimentar comunicação com um mundo todo vivo e, usando as palavras de Krenak (2021), praticar a floresta como poética de vida. O objetivo deste trabalho consiste em expor as intenções, os compromissos e os resultados da residência enquanto um evento que desafiava a exercitar um jeito de comunicar e educar que se desvia do antropocentrismo e se aproxima de seres e forças para além do humano.

PALAVRAS-CHAVE

residência artística, mudanças climáticas, comunicação, floresta

INTRODUÇÃO

Não há como pensar no tempo presente sem encarar os olhos do colapso que arregala em nossa direção. Ele deixou de ser uma ameaça que nos espreita para se tornar algo que vive entre nós e pulsa conosco. No contexto de catástrofe em curso, a Rede Latino-Americana de Divulgação Científica e Mudanças Climáticas opera. Trata-se de um conjunto de pesquisadores e pesquisadoras das humanidades e das artes que se uniram a partir de 2014 com o propósito de produzir rodas de conversas, trabalhos, ações, eventos, projetos e encontros que lidam com a questão do clima. Para se atentar à

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Educação na Emergência Climática, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Mestra em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), jornalista da ClimaCom, bolsista TT Fapesp no projeto INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq (465501/2014-1), FAPESP (2014/50848-9) e CAPES (16/2014), sob orientação de Susana Dias. Integra o coletivo e grupo de Pesquisa: multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq). Email: emanuelymiranda.em@gmail.com

emergência, a rede se desafia a conceber experimentações criativas, tanto artísticas quanto filosóficas, que nos possibilitem viver com mais dignidade e alegria em meio ao colapso. “(...) busca criar novos modos de ser, pensar e habitar o tempo presente (...)” (Rede DMCC, 2025, *online*)

Com esse propósito, uma de suas recentes iniciativas foi a Residência Artística Perceber-Fazer Floresta II. O evento ocorreu entre os dias 23 e 26 de maio de 2024 e reuniu pesquisadores e pesquisadoras da Argentina, do Brasil, do Chile, da Colômbia e do México.

No material que circulou informando sobre a programação da residência, é possível ler que a proposta envolvia cultivar intimidade com florestas, os matos e as matas. Afinal, em tempos de mudanças climáticas, um dos funcionamentos operantes tem a ver com uma desconexão cósmica que se manifesta nas nossas práticas científicas e comunicativas. Logo, no âmbito de uma organização de divulgação científica que lida com a questão do clima, urgência e ainda urge o chamado para que repensemos os processos comunicantes e educacionais. “Precisamos aprender a dar atenção às plantas, aos fungos, aos animais, às forças, aos seres que sabem perceber-fazer floresta, sabem viver junto afirmativamente” (Climacom, 2024, *online*)

Nesse sentido, este trabalho busca divulgar os esforços da residência artística, suas apostas, suas atividades e seus resultados. Mais do que isso, este trabalho busca compreendê-la como um exercício de comunicações, educações, ciências e artes que leva em conta tanto o colapso no qual naufragamos quanto a potência de vida cósmica e coletiva que ainda nos convoca.

METODOLOGIA

Em sua tese de doutorado, Moraes (2009) defende as residências artísticas como ambientes de formação, criação e difusão. Quando juntas, essas três palavras parecem acionar três arenas simultaneamente: as ciências, as artes e as comunicações que, de algum modo, se atravessam no campo da divulgação científica.

Moraes (2009) cita o caso de um projeto de residência cujo objetivo consistia em expor um conjunto de residentes a uma sequência de experiências que os deslocavam de si mesmos e renovavam tanto suas referências quanto suas percepções. “A leitura do conjunto de percepções possibilita inferir o sentido de viver junto, de trocar, de tempo

privilegiado, de espaço comum, de busca, de comunicação com outro” (Moraes, 2009, p. 113).

Em 2022, a artista Valéria Scornaienchi (2022) passou vinte e um dias na residência artística do Mirante Xique-Xique, que fica em Igatu, na Bahia. No livro onde relata sua experiência, começa narrando sua chegada ao local e uma força que se revelaria pulsante em sua imersão logo se apresenta: a demora.

Scornaienchi (2022) desacelera para dar atenção às relações. Não apenas às relações com as pessoas que atravessam o seu caminho, mas também a uma miríade de seres que lhe acompanham, lhe interpelam e lhe povoam. A comunicação com o outro, identificada por Moraes (2009) na ocasião da residência artística mencionada em sua pesquisa, se deu na residência artística do Mirante Xique-Xique a partir de uma outridade mais que humana.

Para Susana Dias (2020), se comunicar com um mundo inteiramente vivo diz respeito à tarefa daquilo que ela nomeia como perceber-fazer floresta. “Tal possibilidade, de entrar em comunicação com um mundo todo vivo, parece que só pode acontecer quando o humano deixa de ser o centro dos processos comunicantes, quando o humano se deixa abrir aos devires e povoar por forças não-humanas” (Dias, 2020, p. 3).

Se a realização de uma residência artística implica na prática de comunicar, na ocasião da residência artística aqui estudada, importava ainda *com quem* comunicar. Ser nomeada como Residência Artística Perceber-Fazer Floresta II, se apropriando da experimentação de conceituação iniciada por Dias (2020), a colocava perante o compromisso de se desafiar a ativar uma comunicação com seres e forças que extrapolam a humanidade. E mais ainda: a branquitude, a masculinidade, a ocidentalidade.

Por isso, em sua proposta, a Residência Artística Perceber-Fazer Floresta II se comprometia a abrir escutas e a se relacionar com saberes ancestrais, tradicionais, originários, multiespecíficos e cósmicos que afirmavam a vida. Ou melhor, as vidas. Para além de reunir pesquisadores e pesquisadoras da rede, o evento foi um encontro com lideranças indígenas, quilombolas e artistas.

Em seu decorrer, entre distintos materiais e procedimentos, os e as residentes se engajaram na busca por pensamentos e gestos que deslocassem a divulgação científica e

a comunicação de um funcionamento estabilizado por concepções humanas demais, racionais demais, capitalistas demais, catastróficas demais, extremas demais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Foram as concepções humanas demais que nos levaram à crise climática. A busca por um avanço capitalista fomentou a exploração desenfreada do cosmos que, por sua vez, desgastou ecossistemas e iniciou o esgotamento das possibilidades de futuro. Isso nos trouxe ao tempo de catástrofes que hoje vivenciamos e nos levará às ruínas que já começamos a habitar.

Dias (2020) comenta que o antropocentrismo segue a todo vapor e que, nestes tempos de lógicas centralizadas numa ideia de humanidade, reproduzimos uma sequência de encontros com nós mesmos. Nossas comunicações dão a ver esse narcisismo perigosíssimo e redundante. Ouvimos o eco de nossas próprias vozes, que não nos conta nada de novo e não nos segreda nada de bonito ou potente.

No livro *Futuro Ancestral*, o filósofo indígena Ailton Krenak (2022) também traz sua crítica à centralidade que o humano forjou em torno de si mesmo. Estamos rodopiando ao redor de círculos cujos eixos são as determinações que nós mesmos fixamos como irrefutáveis e racionais. “... todas as existências não podem ser a partir do enunciado do antropocentrismo que tudo marca, denomina, categoriza e dispõe (Krenak, 2022, p. 83)”. No mesmo livro, o autor ainda alerta para o perigo das narrativas nas quais há apenas a agência de uma determinada humanidade.

Tudo isso tem a ver com algo que Krenak (2019) anunciou anteriormente no livro *Ideias para adiar o fim do mundo: nossa desconexão cósmica*. “Enquanto isso, a humanidade vai sendo descolada de uma maneira tão absoluta desse organismo que é a terra” (Krenak, 2019, p. 21). Para ele, o clube que se autodenominou como humanidade cerceia, entre tantas coisas, nossa capacidade de criação. As possibilidades de histórias que temos para inventar e contar se esgotam. Nossa comunicação e nossa criatividade não se sustentam fora do espelho.

Quando propõe uma história ativa entre espécies companheiras, Haraway (2021) parece estar atenta e preocupada com isso. De acordo com suas palavras, há um “*narcisismo humano tecnofílico*” em curso, que tem a ver com a reprodução do humano nas relações, com um espelhamento dele mesmo. “Não somos seres únicos e vir a ser algo depende se seguirmos juntos” (Haraway, 2021, p. 60)

Perceber-Fazer Floresta passa pela tarefa de sentir e atender à necessidade de viver junto, pensar junto, comunicar junto, se tornar junto. Como as plantas partilham nutrientes através das raízes, como os bichos comem os frutos que caem de seus galhos, como os rios fertilizam a terra para que as sementes germinem...

É preciso se colocar em relação e aprender a praticar a floresta como modo de existência, como prática artística, como jeito de se comunicar, como ontoepistemologia. É preciso ainda atravessar a fronteira entre natureza e cultura a fim de se inserir ou, para usar as palavras de Krenak (2022), se implicar.

E quando o humano se envolve em um movimento de implicação recíproca com as florestas ele também se insere em um sistema de variação contínua, em um campo mutante de diferenciação recíproca. “As florestas convocam uma espécie de anthropos radical, pois que forçam o humano a perceber que ele não está só. Não há mais o humano separado, fora e superior à natureza, não há mais como operar por separações entre sujeitos e objetos, antes há um chamado a pensar nos humanos em termos de materiais entre materiais, a realocar o humano num continuum com as naturezas (Dias, 2020, p. 98)

Krenak (2022) defende que a percepção sobre o nosso pertencimento coletivo e cósmico seria uma boa ideia de educação: “Criem uma essência afetiva, colaborativa, que é a natureza da floresta” (Krenak, 2021, *online*)

CONCLUSÃO

Com a intenção de cultivar e vivenciar a floresta, a residência artística se desenrolou entre rodas de conversas, oficinas, exercícios, caminhadas e músicas. As atividades se deram nos espaços Galeria do Instituto de Artes da Unicamp, no Centro Cultural do Casarão, na Mata Santa Genebra e no quilombo urbano Fazenda Roseira, em parceria com a Comunidade Jongo Dito Ribeiro.

Cada espaço, cada gesto e cada participante afirmavam a residência artística como um movimento de experimentação filosófica, educacional e comunicacional. O contato com a vegetação de Campinas, o arrastar dos pés durante a roda de jongo, a intimidade com a mandioca na relação com os povos indígenas... Tudo isso ativava um jeito de se comunicar com o mundo e de se inserir nele numa dimensão cósmica, presente e potente.

Como resultado da residência, ainda num esforço de exercitar a comunicação em conexão com as matas, publicou-se o livro *Morada Floresta*, onde os residentes tiveram a chance de contar suas experiências durante o evento e também proliferar pensamentos

a partir dela. Para Gonçalves, Sarmento e Preve (2024), tratou-se de um encontro intenso com a vida.

Realizar um evento que insiste em se comunicar com outros seres em tempos de crise climática é uma aposta para que vivamos juntos e juntas. Tornar a vida possível, para além da catástrofe e em meio à catástrofe, decorre da decisão intencional e responsável de tornarmos a floresta possível e de nos comunicarmos com ela.

REFERÊNCIAS

Climacom. **Revista Climacom: Cultura Científica** - pesquisa, jornalismo e arte, 2024 [S. 1]. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/perceber-fazer-floresta-ii/>.. Acesso em: 11 de março de 2025.

DIAS, Susana. Perceber-fazer floresta: da aventura de entrar em comunicação com um mundo todo vivo. **ClimaCom – Florestas** [Online], Campinas, ano 7, n. 17, Jun. 2020. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/susana-dias-florestas/>

HARAWAY. Donna. **O Manifesto das Espécies Companheiras**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. “**Comecem a produzir floresta como subjetividade, como uma poética de vida**”, diz Ailton Krenak em encontro português. Conexão Planeta, [S. 1.], 21 de dezembro de 2021. Disponível em: [https://conexaoplaneta.com.br/blog/comecem-a-produzir-floresta-como-subjetividade-como-um-a-poetica-de-vida-diz-ailton-krenak-em-encontro-portugues/#:~:text=%E2%80%9CComecem%20a%20produzir%20floresta%20como%20subjetividade%2C%20como%20uma%20po%C3%A9tica%20de,em%20festival%20de%20cinema%20portugu%C3%AAs&text=O%20que%20uma%20lideran%C3%A7a%20ind%C3%ADgena,Sugerir%20reflex%C3%A3o](https://conexaoplaneta.com.br/blog/comecem-a-produzir-floresta-como-subjetividade-como-um-a-poetica-de-vida-diz-ailton-krenak-em-encontro-portugues/#:~:text=%E2%80%9CComecem%20a%20produzir%20floresta%20como%20subjetividade%2C%20como%20uma%20po%C3%A9tica%20de,em%20festival%20de%20cinema%20portugu%C3%AAs&text=O%20que%20uma%20lideran%C3%A7a%20ind%C3%ADgena,Sugerir%20reflex%C3%A3o.). Acesso em: 11 de março de 2025.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MORAES, Marcos Jose Santos de. **Residência artística: ambientes de formação, criação e difusão**. 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

REDE DCMC. **Rede DCMC: Divulgação Científica e Mudanças Climáticas**, 2025 [S. 1]. Disponível em: <https://www.rededcmc.labjor.unicamp.br/#:~:text=A%20Rede%20DCMC%20re%C3%BAne%C3%20atualmente,%2C%20resid%C3%AAncias%20art%C3%ADsticas%20etc..> Acesso em: 11 de março de 2025.

GONÇALVES, Michele Fernandes; SARMENTO, Ariana de Moraes; PREVE, Ana Maria Hoepers. Aprender a estar junto: cenas de encontros intensivos com a vida. In: RIBEIRO, Alessandra; MIRANDA, Emanuely; PESTANA, Fernanda; MAUS, Lilian; MARIN, Sigifredo; DIAS, Susana, SALES, Tiago. **Morada Floresta**. Campinas: Unicamp, 2024.



INTERCOM Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste - Campinas/SP - 15 a 17/05/2025

SCORNAIENCHI, Valéria. **Agora eu ouço os sabiás**. Campinas: Ed. dos Autores, 2022.